

SEXUALIDADE NA ESCOLA E O PAPEL DO EDUCADOR: ANALISANDO A PERCEPÇÃO DE GRADUANDOS DE UM CURSO DE PEDAGOGIA

Andreza Marques de Castro Leão; Anne Caroline Mariank Alves Scalia. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.
Eixo Temático: Formação inicial e continuada de professores para a educação básica
Agências financiadoras: FAPESP e CNPq

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Desde o início do século XX há discussões para a sexualidade ser efetivamente abarcada no contexto escolar. De fato, o despertar da sociedade quanto à necessidade desta iniciativa é decorrente da maior incidência de gravidez na adolescência, do aumento das DSTs e da AIDS, bem como, do agravamento da erotização precoce das crianças.

Assim sendo, visto que na escola há ocorrência das implicações negativas das experiências sexuais, ela é solicitada a se abrir à abrangência deste assunto. Contudo, somente em 1997, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997), que a sexualidade, por meio do tema transversal orientação sexual, ganha legalidade para ser debatido na escola.

Deste modo, a orientação sexual deve ser implementada nas escolas visando propiciar aos alunos um espaço em que possam dialogar, questionar, se manifestar, bem como, refletir sobre os distintos aspectos da sexualidade.

Nessa perspectiva, Leão (2009a) expressa que o trabalho de orientação sexual nas escolas é de fundamental importância, tendo o intuito de oportunizar espaço para questionamentos, problematização e reflexão, tendo em vista a formação de cidadãos críticos, participativos e cientes de sua sexualidade.

A educação para a cidadania implica na acolhida pela escola de questões que abranjam o prazer, o pensar, o respeito por si e pelo outro, responsabilidade, prevenção, enfim, o desenvolvimento de uma visão crítica e reflexiva dos alunos acerca da sexualidade (RIBEIRO; REIS, 2007).

Vale lembrar que os temas relacionados à sexualidade podem ser “[...] ricos, no sentido de contribuir para “abrir caminhos” para o desenvolvimento da criticidade nos educandos e para a conquista da democracia” (FIGUEIRÓ, 2001, p. 161). Dessa maneira esta autora conclui que o sentido da orientação sexual é de propiciar aos alunos conhecimentos adequados sobre as questões da sexualidade, a fim de que possam viver de forma segura e responsável a sua sexualidade.

Em vista que a sexualidade ganha espaço oficial para ser problematizado, o papel do professor ganha notoriedade, uma vez que atua diretamente com os alunos (LEÃO, 2009a). Do mesmo modo, o GTPOs (1999, p. 15) frisam que “[...] os laços que já existem entre e os estudantes fornecem uma base para um trabalho de orientação sexual na escola”. Dessa forma, é preciso que esteja apto a este trabalho, isto é, que tenha oportunidades de se aprimorar profissionalmente de modo que possa na prática pedagógica atuar com a orientação sexual.

Pensando nos professores que estão em processo de formação, compete aos cursos de licenciaturas oferecer aos seus discentes disciplinas de cunho sexual, sobretudo porque a sexualidade vem à tona no ambiente escolar e o professor precisa saber como tratar este tema.

Em relação ao curso de Pedagogia, o qual forma professores para o ensino infantil e para as séries iniciais apresenta uma parcela considerável de responsabilidade, pois os egressos deste curso vão atuar com crianças e adolescentes, geralmente carentes de informação de sexualidade. Além disso, como menciona Leão (2009a), a Resolução do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2006) afirma em seu artigo 5, parágrafo X que o egresso deste curso deverá estar apto a respeitar as diferenças de gênero e de escolhas sexuais.

Posto isto, a fim de que a orientação sexual seja realidade no ambiente escolar é preciso que ocorra o preparo dos professores para implementar esta proposta. Por esta razão, Figueiró (2001) propõe que os cursos de Pedagogia e as demais licenciaturas incluam conhecimentos de sexualidade humana em seus currículos.

Não obstante, uma vez que há esta lacuna na formação dos professores, porquanto a sexualidade não faz parte da grade curricular oficial do referido curso (LEÃO, 2009a), o intuito do presente estudo foi, a partir de uma oficina, investigar as percepções que os graduandos deste curso apresentam quanto ao ambiente escolar para abranger este tema, assim como, de seu papel enquanto futuros professores, e quiçá orientadores sexuais. No mais servir como um espaço de reflexão para este tema.

OBJETIVO

Verificar quais as percepções que os graduandos de um curso de Pedagogia apresentam quanto o espaço escolar como local para reflexão da sexualidade, e dentro disso, de seu papel enquanto orientadores sexuais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto ao procedimento metodológico empregado na análise dos dados, ele consistirá numa pesquisa quantitativa e qualitativa.

Gonçalves (2005) relata que a pesquisa orientada pela inter-relação entre estes métodos possibilita o enriquecimento e maior fidedignidade da análise dos dados, uma vez que eles se integram. Além disso, contribui para prevenir a interferência da subjetividade do pesquisador nas conclusões obtidas.

Participantes

Participaram deste estudo 36 graduandos do terceiro e quarto anos do curso de Pedagogia. A faixa etária destes, variou de 19 a 42 anos.

Local

Esta pesquisa foi realizada nas dependências de uma Universidade Estadual localizada no interior do Estado de São Paulo.

Instrumentos

Para a coleta de dados empregou-se uma ficha de resposta individual, na qual os participantes precisavam responder algumas questões concernentes à orientação sexual e ao papel do educador.

Procedimentos de coleta dos dados

Inicialmente as pesquisadoras deste estudo foram convidadas a ministrar uma oficina intitulada “Orientação sexual na escola: reflexões necessárias” a graduandos do curso de Pedagogia da mencionada Instituição de Ensino superior. Este convite partiu do docente da disciplina “Ação Pedagógica Integrada”, o qual sentiu a necessidade da temática da sexualidade ser abarcada com estes discentes.

Assim sendo, no contato com o referido docente ele expôs as deficiências do curso para tratar deste tema, manifestou que o intuito era que a oficina pudesse prover aos graduandos uma idéia geral de diferentes aspectos da sexualidade, e principalmente, incitar a reflexão deles.

Posto isto, a oficina foi elaborada e organizada pelas pesquisadoras durante um mês.

Contudo, a oficina em si teve a duração de oito horas.

No dia da ministração, em dia letivo normal, as pesquisadoras entregaram as fichas de resposta aos discentes ressaltando que elas só deveriam ser preenchidas se eles concordassem com isso. A oficina contou com a participação de 60 alunos, porém somente 36 destes responderam as fichas.

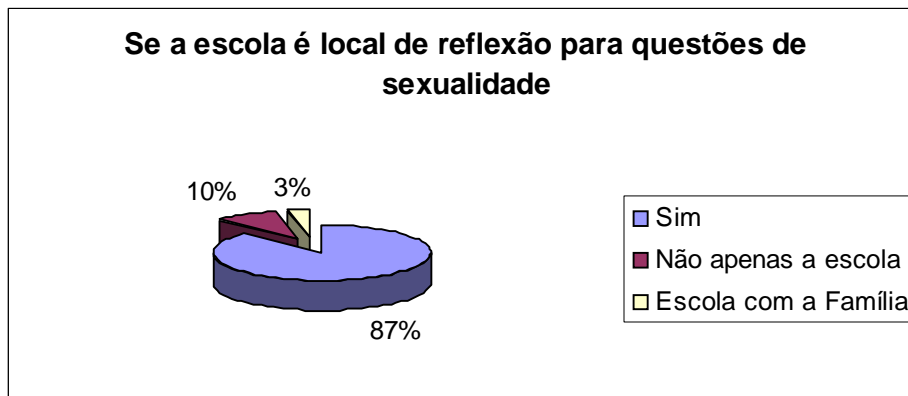
Procedimentos de análise dos dados

Findada a oficina, depois da coleta dos dados efetuada por meio das fichas de respostas, o presente estudo teve subsídios para a realização de uma análise interpretativa destes dados, a qual será explicitada descritivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira pergunta indagou os participantes se a escola é o local de reflexão sobre as questões da sexualidade. No Gráfico 1 estes dados estão expostos.

Gráfico 1-Escola como local de reflexão para questões da sexualidade



Por meio do Gráfico 1 pode-se verificar que para 87% dos participantes a escola é local para reflexões sobre questões de sexualidade.

Segundo os participantes, este tema deve ser tratado “Com certeza. Pois a escola tem o dever de transmitir a educação em todas as áreas.”-participante 14

Outro participante complementa argumentando que “Acredito que a escola é o melhor lugar para refletir sobre essa questão da sexualidade.” –participante 2

Nesse sentido, o GTPOs (1999) argumenta que a escola é um local privilegiado porquanto a orientação sexual, enquanto prática de intervenção pedagógica, favorece a reflexão por meio da discussão deste assunto.

Outro participante declarou ainda que:

“A sexualidade deve ser tratada na escola, pois é neste ambiente que as crianças entram em contato com vários tipos de conhecimento. E sendo algo natural em todos deve ser tratado com respeito, naturalidade e clareza.”-participante 20

A despeito disso, Reis e Ribeiro (2002) concluem que a escola representa um espaço profícuo para abordar temas importantes para a formação do indivíduo. Leão (2009a) acrescenta declarando que é preciso que esta Instituição possibilite aos alunos um espaço para se discutir, questionar e pensar sobre sexualidade nas diversas áreas do conhecimento, uma vez que a sexualidade é parte da condição natural humana.

Prosseguindo, outros participantes disseram que:

“A escola ensina tantas coisas necessárias e desnecessárias que seria uma mentira dizer que não é preciso possuir o estudo da sexualidade”-participante 33

De acordo com Ribeiro e Reis (2007) a escola tem o papel de educar e preparar os alunos para o amanhã, por isso é perspicaz educá-los também na parte sexual.

“Sem dúvida, é o lugar onde a questão da sexualidade está fervilhando e não podemos tapar os olhos para isso, devemos abordar o tema”- participante 31

Em relação a isso, Sayão (1997, p. 270) comenta que “[...] os alunos querem saber da coisa, querem falar da coisa [...] querem contar piadinhas sobre a coisa, cantar música que falam da coisa [...]”.

Conforme sintetiza o participante 34, “Todo lugar que envolve formação integral do indivíduo pode, e deve, tratar da sexualidade”.

Portanto, como discorrem Leão e Ribeiro (2009b, p. 112),

é importante um trabalho sistemático de sensibilização de todos os professores quanto a responsabilidade que lhes compete pela educação integral do aluno, a qual abarca também o sexual, frisando que não é plausível educar apenas o aspecto cognitivo, ainda mais se pensando que não há como dissociar a sexualidade do ser humano integral.

Contudo para 10% dos participantes não é apenas a escola que deve propiciar estas reflexões.

“Acredito que a escola deveria sim tratar da sexualidade, mas não deve ser só ela a responsável por isso”-participante 7

“Não apenas na escola, mas em casa também. É importante que a escola trate tal assunto por ser necessário, principalmente as crianças e adolescentes, tirar todas as suas dúvidas, pois tais dúvidas são inevitáveis, mas nem sempre elas tem oportunidade de falar sobre sexo (sexualidade) em casa”- participante 10

Mariuzzo (2003, p. 34) afirma que o aluno traz suas dúvidas, preconceitos, dificuldades, mitos e tabus acerca da sexualidade, sendo que “[...] é com este conjunto de assuntos que a proposta de orientação sexual na escola terá de lidar [...]”.

“Penso que a escola seria mais um lugar, porém não só”-participante 30

Para 3% dos participantes a escola em associação com a família é que deve propiciar o espaço de reflexão para a sexualidade.

“Sim. Como a escola é um lugar onde se educa o indivíduo, deve ser AUXILIAR da casa e da igreja. É importante a escola tratar da educação sexual, pois é/são informações necessárias para a formação dessa criança. Deve ser um assunto tratado com muita delicadeza, no sentido de se ter certeza do que vai se falar”-participante 3

De modo geral para os participantes a escola deve tratar deste assunto, pois a família não tem abarcado este tema com seus filhos, e por outro lado, porque a mídia a todo tempo traz este assunto a pauta. Nos dizeres deles:

“Eu acho importante o tema da sexualidade ser tratado na escola, porque cada dia que estamos em contato com alunos nos deparamos com pais cada vez mais ausentes e também com uma mídia que “joga” as informações sobre sexo, sexualidade de forma banal. Então acredito que a escola seria o local mais propício para tratar deste assunto”-participante 2

Sayão (1997) reforça a necessidade do trabalho de orientação sexual envolver as crianças argumentando que a mídia tem propiciado uma avalanche de informações e mensagens de cunho sexual.

“Acho importante a orientação sexual nas escolas, pois trata-se de um assunto presente no cotidiano da sociedade como um todo (família, mídia, etc) e portanto, no dia-a-dia das crianças, devendo ser abordado de forma cuidadosa e não maliciosa em sala de aula.”- participante 8

“Sim. Principalmente porque a família muitas vezes não fala sobre sexo com os seus filhos.”-participante 28

“Sim, para suprir a orientação que não é dada em casa.”-participante 5

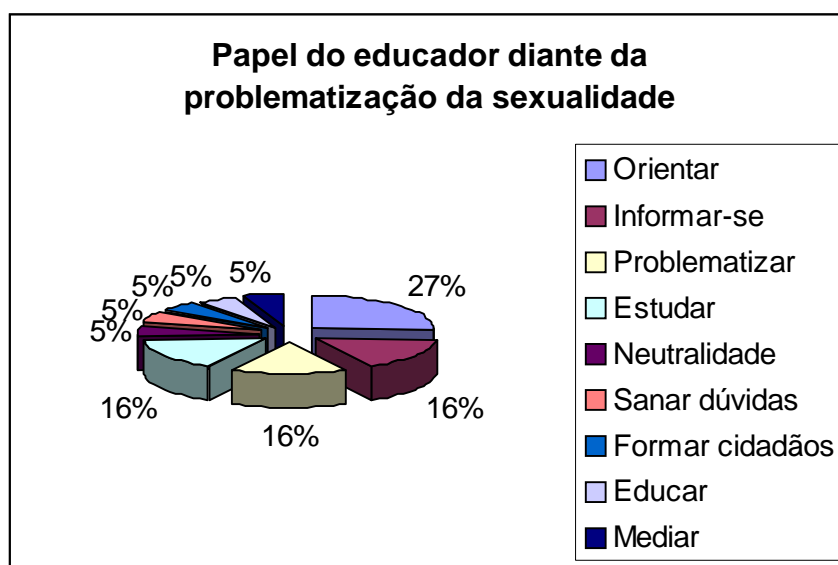
Devido esta ausência da família, Leão (2009a) expõe que o trabalho de orientação

sexual pode servir para instigar a reflexão desta para o modo como vem lidando com o tema da sexualidade, auxiliando na ruptura da perpetuação dos estigmas, tabus e intolerâncias sexuais.

O GTPOs (1999) lembra que se a escola se esquivar de sua responsabilidade ela está concordando que o aluno se mantenha desinformado e cativo dos tabus e preconceitos. Por conseguinte, é necessário que esta instituição pondere sobre seu papel, e dê a devida importância à abordagem deste tema, permitindo a efetivação da orientação sexual (SAYÃO, 1997).

Outra indagação da ficha investigou qual o papel do educador diante da problematização da sexualidade no contexto escolar. Os resultados obtidos nesta pergunta podem ser visualizados no Gráfico 2.

Gráfico 2- Papel do educador para a problematização da sexualidade



O Gráfico 2 desvela diferentes aspectos elencados pelos participantes a respeito do papel do educador, sendo eles:

- 27% devem orientar os alunos;
- 16% problematizar este tema;
- 16% estudar a fim de que possam abranger este tema;
- 16% devem se informar para esta abrangência;
- 5% devem ser mediadores da temática;
- 5% sanar as dúvidas dos alunos;

- 5% formar os cidadãos;
- 5% educar os alunos em sexualidade;
- 5% devem ser neutros.

No tocante a esta questão, nas falas dos participantes nota-se aspectos interessantes, tais como:

“O educador deve aproveitar que a sexualidade está ganhando espaço oficial para ser problematizada e se empenhar ao máximo para esclarecer os anseios dos jovens. Deve atualizar-se academicamente e ter uma postura profissional adequada perante tal questão.”- participante 8

Conforme os PCNs (BRASIL, 1997) salientam, o professor deve se interessar em interar-se deste tema, precisa buscar leituras sobre o mesmo, ou seja, ter contato com este assunto.

“Cabe ao educador orientar os alunos para a reflexão sobre o tema. Não ser preconceituoso e tirar os tabus na conversa. É preciso que o educador veja seu aluno como ser humano, aquele que é essencialmente sexuado e quanto mais informações, melhor para o desenvolvimento deste aluno.”-participante 21

Figueiró (2001) indica que os professores apresentam valores preconcebidos, tabus e credices sobre a sexualidade. Nesse sentido, os PCNs ressaltam a necessidade do professor “[...] reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade dos valores e comportamentos diversos dos seus” (BRASIL, 2000, p. 153).

Além disso, Figueiró (2001) pontua que eles carecem de passar por um processo de formação, como direito que apresentam de aperfeiçoar a prática pedagógica cotidiana e de acolher as demandas que surgem nesse aspecto no dia-a-dia de sala de aula.

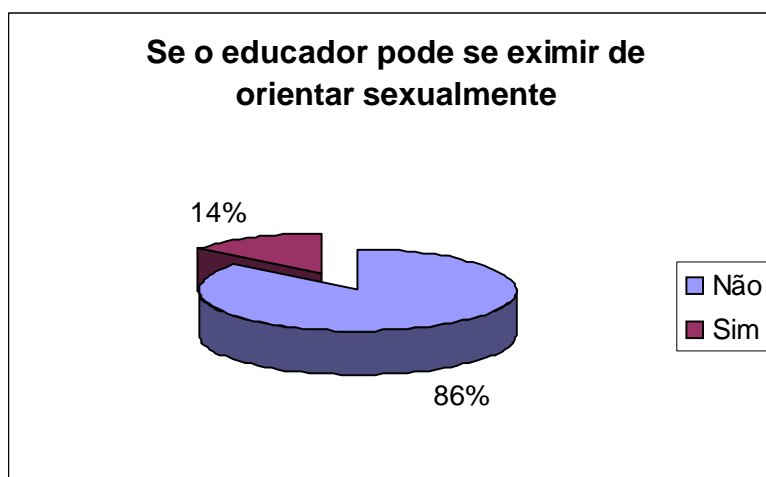
“O educador assim como diz o nome deve educar em todas as áreas visando o bem estar total do ser humano, já que somos seres totais e não destituídos de partes, isto é [não] somos partes separadas que funcionam de maneira individual e sim um todo. Com isso devemos ser tratados como tal.”-participante 23

Por fim, como sinaliza o participante 11:

“O nosso papel é tomar as atitudes e a verdadeira consciência e concretizarmos oficialmente a importância da sexualidade na educação.”

A questão subsequente buscou ser mais específica, e indagou com os participantes se o educador pode se eximir de orientar sexualmente seus alunos. Seus resultados podem ser analisados no Gráfico 3.

Gráfico 3- Se o educador pode se eximir de orientar sexualmente



O Gráfico 3 revela que para 86% dos participantes o educador não pode se eximir de orientar sexualmente seus alunos, sendo as justificativas empregadas para isso:

“Para o educador é mais simples que para os pais, pois esses (educador) estão mais atualizados e têm didática na maioria das vezes”-participante 3

“Acho que não, se a criança ou adolescente faz algum tipo de pergunta na escola pode ser porque ela não tem espaço para falar de tal assunto em casa”-participante 10

“Não. Se ele tem a chance de educar e orientar para uma construção de sociedade mais informada ele deve estar presente”-participante 11

“Não uma vez que como dissemos acima, é responsabilidade do professor extinguir a dúvida de seus alunos”-participante 13

Nessa compreensão Figueiró (2001), Leão (2009a), Reis; Ribeiro (2002) expressam que os professores têm a responsabilidade de orientar seus alunos, e isso inclui abarcar a sexualidade, principalmente por ser um aspecto significativo e inseparável na vida das pessoas.

Outros participantes acrescentam que:

“Entendo que não. Seria como formar um aluno pela metade, que é impossível! Ou você educa ou não.”-participante 17

“Ele não pode se eximir, tem que trabalhar os assuntos a fim de cumprir seu dever como professor. Pois se ele se eximir também estará educando só que em silêncio”-participante 22

“Acho que não deve se omitir, uma vez que esse é a única fonte de informação do aluno e caso o professor não oriente pode levar a conseqüências negativas”-participante 24

Vale lembrar que o professor não deve se esquivar de tratar a sexualidade, pois através de seu silêncio, censura, receios e embaraços também está educando sexualmente, claro, uma educação coerciva e repressora. Como discursa Sayão (1997), todos os professores, mesmo os que não se disponibilizam para isso, mesmo sem perceber orientam sexualmente.

Assim, importa que se conscientize da importância da temática da sexualidade, considerando que os alunos têm o direito a ter oportunidades para pensar de forma crítica sobre todo o conjunto de valores e normas sociais criados pela sociedade sobre sexualidade.

Já 14% dos participantes disseram que sim, ou seja, que pode uma vez que não compete somente a ele tal responsabilidade.

“Poder ele pode, pois poderia alegar que não está preparado para trabalhar com a orientação sexual, porém na minha opinião ele não deveria se eximir dessa responsabilidade”-participante 1

Como afirmam os PCNs (2000, p. 122) a orientação sexual na escola “[...] não substitui, nem concorre com a família, mas antes a complementa”.

“Ele pode, mas acredito que não seria bom para seus alunos”-participante 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade permeia nosso cotidiano, das piadas aos jogos de sedução, das roupas aos comportamentos, nos escritórios, nas escolas ou nos bares. Vivemos uma cultura, uma sociedade extremamente erotizada, estimulada pela indústria do turismo, pelo samba, pela mídia e de tudo aquilo que conhecemos como o “Imaginário do Brasil Tropical”. Na atribuição do que é certo ou errado, normal ou patológico, aceitável ou inadmissível está implícito, de acordo com Michel Foucault, um amplo exercício de poder que socialmente discrimina, separa e classifica (1988). Nessa perspectiva, a sexualidade se constitui não apenas como um aspecto importante da formação dos sujeitos e dos grupos, mas como um

elemento que compõe a identidade pessoal, e integral, de crianças e adolescentes.

Atualmente parece-nos que dois fatos têm preocupado governos, psicólogos, sociólogos e educadores – o conhecimento da realidade sexual brasileira no quadro presente, e o conhecimento das perspectivas do seu futuro. Porém sem qualquer alusão a um determinismo histórico, específico ou genérico, somos levados a concluir que é sempre um prognóstico falho e perigoso o que se faz do futuro de um povo, de uma nação, sem o sólido conhecimento de sua realidade presente. Não há mais espaço para a negação de uma orientação sexual dentro das instituições escolares. Não há como fecharmos os olhos para a educação sexual que perpassa pelos corredores das escolas, para as dúvidas e anseios de crianças e jovens no que condiz a sua sexualidade. Deste modo, a orientação sexual deve ser implementada nas escolas visando propiciar aos alunos um espaço em que possam dialogar, questionar, se manifestar, bem como, refletir sobre os distintos aspectos da sexualidade, tornando-se cidadãos de plena criticidade e reflexivos bem como integrais.

Os participantes deste estudo têm a consciência do papel que lhes cabe de implementar esta orientação, porém manifestam que é preciso que tenham nos cursos de formação inicial acesso aos diferentes conteúdos da sexualidade, a fim de lhes instrumentalizar para a prática pedagógica no contexto de sala de aula.

Em vista que a sexualidade ganha espaço oficial para ser problematizada dentro da escola com os PCNs, cabe ao professor fornecer uma base para um trabalho de orientação sexual na escola. Dessa forma, é preciso que esteja apto a este trabalho, isto é, que tenha oportunidades de se aprimorar profissionalmente de modo que possa, na prática educativa, atuar como orientador sexual pleno e consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília, v. 8, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

FIGUEIRO, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 2ed. Londrina: Ed. UEL, 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GONÇALVES, H. A. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

GTPOS. **Sexo se aprende na escola**. 2. ed. São Paulo: Olho d'água, 1999.

LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 2009. 350f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009a. (no prelo).

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. O (Des) conhecimento dos alunos de um curso de pedagogia quanto à orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S., GOELLNER, S. V. (org.) **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, p. 105-114, 2009b.

MARIUZZO, T. **Formação de professores em orientação sexual**: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. Bauru, 2003.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (org). **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Editora Laboratório Editorial FCL, p. 81-96, 2002.

RIBEIRO, M.; REIS, W. Educação sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 18, n.2, p. 375- 386, 2007.

SAYAO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (org). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, p. 107-117, 1997.